



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 33 | Jul./Dez. de 2025

Raquel de Jesus Araújo

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.

raqueldejesus077@gmail.com

Ana Cleide da Silva Patriolino

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.

ana.uva2022@gmail.com

Francisco Michael de Sousa

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.

eumichaelsozza@gmail.com

Igor Alves Moreira

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.

eumichaelsozza@gmail.com

REESCREVENDO PRESENÇAS: Relato de uma oficina educativa sobre mulheres negras na História do Brasil.

RESUMO

O artigo apresenta a experiência de aplicação de uma oficina onde o tema central era as mulheres negras na história do Brasil desenvolvida em uma escola pública de Sobral-CE. O objetivo do projeto era refletir sobre o apagamento historiográfico dessas mulheres, baseando-se nas contribuições educativas dos escritos de autores como José Carlos Libâneo, Lélia González e Nilma Lino Gomes. Os resultados mostraram um engajamento ativo dos alunos e o desenvolvimento de uma maior consciência crítica sobre racismo e gênero.

Palavras-chave: Educação antirracista; mulheres negras; reparação histórica.

ABSTRACT

This article presents the experience of implementing a workshop focused on Black women in Brazilian history at a public school in Sobral, Ceará. The project's objective was to reflect on the historiographical erasure of these women, drawing on the educational contributions of authors such as José Carlos Libâneo, Lélia González, and Nilma Lino Gomes. The results demonstrated active student engagement and the development of greater critical awareness of racism and gender.

Keywords: Anti-racist education, black women and historical reparation.

Introdução

Ao abordarmos o *Dia Internacional da Mulher* em sala de aula, temos como intuito relembrar as lutas travadas pelas mesmas ao longo da história em busca dos seus direitos básicos, tais como: o direito ao voto, à educação, ao seu próprio corpo etc. Além de refletirmos sobre as violências de gênero que subsistem em nossa sociedade, crescendo a cada dia de maneira desenfreada. Segundo os dados do Relatório anual socioeconômico da Mulher (RASEAM 2025) só em 2024 foram registrados 1.450 feminicídios e 2.485 casos de agressões corporais dolosas, no ano de 2023 mais 1,23 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência como agressões domésticas, violência patrimonial, abuso sexual, ameaças, stalking dentre outras formas de constrangimentos moral e físico. Os dados alarmantes nos mostram um cenário de insegurança feminina em nosso país tornando necessário a realização de discussões críticas das relações de gênero em sala de aula como forma de conscientização dos alunos acerca do tema.

Porém, pouco se fala sobre questões de gênero ligadas às questões raciais, ponto fundamental para entender a trajetória da mulher negra em nossa sociedade e as agruras que ainda as atingem na atualidade.

Nilma Lino Gomes afirma que a história oficial nos livros didáticos ainda é eurocêntrica, muito embora muitas discussões acadêmicas de desconstrução desse discurso tenham avançado e chegado a alguns exemplares de livros didáticos. As mulheres negras ainda são, nos materiais didáticos da educação básica, estigmatizadas e/ou retratadas como estereótipos. Aparecem em papéis subalternos e sem, ou pouco, protagonismo. Essa ausência de referências positivas de mulheres negras nos livros didáticos de História afeta a autoestima e o senso de pertencimento de alunas negras. Por outro lado, a autora reconhece que as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 impulsionaram o debate sobre a história e a cultura afrobrasileira; muito embora há pouco estudos sobre ambas as leis nos cursos de formação continuada dos professores e, ainda, resistência de

práticas pedagógicas e de material didáticos contemplados com os imperativos de ambas as leis¹.

Entende-se que a história das mulheres negras no Brasil se difere da mulher branca pelo fato de que elas passaram pelo processo da escravidão onde foram submetidas a diversos tipos de violência que iam além das políticas patriarcais, ao longo de 300 anos, o que acarretou diversas consequências que moldam discursos e preconceitos na sociedade atual. Uma das questões mais alarmantes ao analisar a figura da mulher negra em nossa sociedade é a exclusão que a mesma sofre em diversos âmbitos sociais, como a educação. Apesar dos avanços nesse sentido como a discussão da implementação de um sistema de cotas nas universidades públicas que surgiu nos anos noventa, apenas em 2012 a lei nº 12. 711 foi sancionada. A lei de cotas determina uma reserva de vagas em instituições federais de ensino superior e técnico para estudantes autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. (BRASIL, 2012). É notável a necessidade de mais ações afirmativas que busquem incluir essa parcela da população não apenas no meio educacional, mas também em outros campos sociais. As mulheres negras ainda são a porcentagem maior de um grupo que permanece em um quadro social excludente no Brasil, seja na questão econômica, cultural e educativa.

Segundo dados do IBGE (2023) ² as mulheres negras com 25 anos de idade apresentam uma porcentagem de apenas 14,7% de conclusão em cursos superiores, enquanto que as mulheres brancas atingiram um percentual de 29%, uma diferença preocupante. Um dos fatores que podem ocasionar esse percentual seria as precárias condições de vida dessas mulheres que são o grupo que se apresenta o mais vulnerável socioeconomicamente. Em 2022, 41,3% dessas mulheres estavam abaixo da linha da pobreza, já no caso das mulheres brancas esse número se reduz a 21,3%. Os dados nos mostram o quanto as mulheres negras ainda permanecem em posição de vulnerabilidade e

¹ GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: apostando na reeducação das relações raciais. In: GOMES, Nilma Lino. Escritos de uma vida: trajetória intelectual e enfrentamento ao racismo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 20 jul. 2025.

exclusão social perpetuando um quadro de limitação do acesso de direitos fundamentais, como educação, boas condições de trabalho e saúde mental e física.

As mulheres negras foram protagonistas de inúmeras lutas sociais, políticas e culturais ao longo da história, participação que fora apagada pela historiografia dita tradicional, que as deixaram de fora dos livros didáticos e das aulas de história. Essa invisibilidade é um dos maiores desafios no levantamento de uma história afro-brasileira e na construção de uma educação antirracista e antissexista.³ Como aponta a pedagoga Nilma Lino Gomes:

A ausência de mulheres negras nos livros didáticos e nos currículos é um reflexo do racismo estrutural que marca a educação brasileira. (GOMES, 2005, p.82).

A ação docente "*Mulheres negras na história: inspiração e empoderamento*" desenvolveu-se na turma de 8º ano C, na disciplina eletiva, da escola pública de tempo integral ETI Maria Dorilene Arruda de Aragão, contando com a participação do professor responsável pela disciplina de História e os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID). O projeto foi elaborado através de pesquisa bibliográfica e contou com discussões entre a turma e os bolsistas, além da produção de materiais criativos. Esse artigo aborda a experiência da elaboração do projeto, a aplicação do mesmo em sala de aula e seus resultados e desafios para a construção de uma consciência histórica plural e sua contribuição para uma educação antirracista e crítica.

O objetivo da intervenção foi promover a reflexão crítica dos alunos sobre o silenciamento histórico imposto às mulheres negras, buscando instigá-los a entender e valorizar a trajetória dessas mulheres, para além da representação restrita a condição de sujeitos subjugados à escravidão. Além de discutir em sala de aula as questões raciais, de gênero e a desigualdade social que impactaram e ainda impactam a vida das mulheres negras em nossa sociedade, destacando as vivências das mesmas, e como contribuíram para a luta contra o

³ Estudos apontam os principais desafios enfrentados ao construir uma história afro-brasileira: a resistência à inclusão nos currículos (ROCHA, 2020), a urgência da descolonização educacional em países coloniais (KAMBUNDO; SANTOS, 2015) e a retomada das formas próprias de auto inscrição cultural (MBEMBE, 2001).

racismo e o patriarcado, valorizando assim a história e ancestralidade da população negra.

É oportuno mencionar as reflexões de Lélia Gonzalez sobre a invisibilidade da participação históricas das mulheres negras. A autora é convincente sobre endossar a importância dessas mulheres em papéis centrais na resistência à escravização das mesmas e de seus filhos; sobretudo em lugares como os Quilombos, as Irmandades Negras, as religiões africanas e afro-brasileiras.⁴

Sueli Carneiro, por sua vez, nos alerta que o racismo e sexismo no Brasil são dimensões interconectadas. No presente, as mulheres negras ainda enfrentam opressões como: racismo, sexismo e desigualdade de classe, apesar dos avanços na legislação e nas políticas públicas brasileiras.⁵

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A professora e pesquisadora Maria Isabel da Cunha aborda a formação docente e suas trajetórias no artigo denominado *Docência: trajetória de um saber profissional*, publicado no livro **Os professores e a sua formação**, que fora organizado pelo professor Antônio Nóvoa. No artigo a professora nos traz pertinentes apontamentos e reflexões sobre a compreensão do ser docente e os desafios da profissão, algo que nos auxiliou na construção da oficina aqui relatada.

Um dos pontos levantados pela professora Maria Isabel é que a docência deve ser reconhecida como um saber profissional, não apenas como uma vocação ou prática empírica. A autora faz dura crítica à visão do docente como meramente um aplicador de métodos e um transmissor de conteúdos preestabelecidos. Ela nos aponta que o saber docente é construído historicamente e socialmente e que envolve tanto o conhecimento acadêmico como o prático, além de uma esfera ética e política: que é o compromisso com a transformação humana e social. Portanto, a formação docente exige formação inicial sólida e uma formação continuada permanente; apontando para uma

⁴ GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismos na cultura brasileira*. In: PINTO, Sônia (Org). **O negro em debate**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁵ CANEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo -USP, 2003.

prática reflexiva com ressignificações constantes. Parte da premissa que o saber do professor é plural, situado e contextualizado, um saber político e cultural. Sua prática deve estar comprometida com a inclusão, com a justiça e com a democracia.⁶

Dialogando com as reflexões trazidas pela autora Maria Isabel da Cunha, temos os escritos de Nilma Lino Gomes, doutora em Antropologia e professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Em seu livro *Educação, Identidade Negra e formação de professores*, a professora traz questionamentos importantes que embasam nossa oficina.

Em primeiro lugar, a autora compreende a educação formal como espaço de luta identitária onde a escola seria um território de construção de identidades, como a racial, por exemplo. Contraditoriamente, a identidade negra, no espaço escolar, é invisibilizada ou estigmatizada. Isso está alicerçado em uma formação de professores limitada, baseada no pensamento eurocêntrico que não instiga a problematização dos temas trabalhados em sala de aula. A maioria dos docentes da educação básica não sabem de forma aprofundada das lutas sociais do movimento negro no Brasil, suas conquistas, e a importância das mesmas para a comunidade negra, conseqüentemente esses temas não são debatidos em sala de aula. O que notamos é que há um **silenciamento da questão racial** nos cursos de formação de professores. A autora defende que é necessário **racializar o debate pedagógico**, ou seja, incluir o debate sobre as relações raciais nas discussões centrais na formação docente.

Outro ponto levantado pela autora diz respeito a importância do reconhecimento da identidade negra; a qual não deve ser vista como algo fixo. E sim, como uma construção social, política e cultural. O fortalecimento da identidade negra é essencial para combater o racismo institucional e promover a equidade educacional. A escola, como um ambiente institucional tem um papel importante nessa tarefa, que se somada aos esforços dos pais e familiares, além da contribuição dos demais espaços em que os alunos interagem, podem influenciar de maneira positiva na construção social e identitária desses indivíduos. Cabe ressaltar que o racismo estrutural ainda é muito presente no

⁶ CUNHA, Maria Isabel da. *Docência: trajetória de um saber profissional*. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 135

ambiente escolar, por isso a relevância de reconstrução desses espaços. As práticas pedagógicas docentes, portanto, devem ser transformadas em práticas antirracistas, com provocações críticas que apontam para a transformação real do tecido social dentro e fora da escola. A prática antirracista exige ações concretas, tais como: revisão de materiais didáticos, diversificação de autores, além da valorização das culturas negras e africanas. A educação deve contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua identidade e das identidades diversas existentes ao seu redor. A autora propõe uma pedagogia que rompa com o eurocentrismo e com o mito da democracia racial.⁷

Ressalta-se a importância de compreender as pesquisas dos autores José Ricardo Queiroz dos Santos e Aline Cristina da Rocha sobre educação e práticas étnico raciais e ensino de história. Em seus escritos sobre a importância, e a implementação da *Lei 10639/2003*, a qual versa sobre a obrigatoriedade do estudo da cultura africana e afro-brasileira na educação básica, os mesmos destacam que a formação de professores no Brasil, inicial e continuada, ainda teima em negligenciar, ou não aprofundar, as temáticas étnico raciais. Falta preparo teórico-metodológico para tratar da cultura e da história africana e afro-brasileira de forma crítica e contextualizada. Os livros didáticos e o currículo escolar ainda invisibiliza ou estereotipa a presença negra na história brasileira.

Os autores propõem práticas alternativas e interdisciplinares, tais como: projetos de leitura e literatura negra, o uso de músicas, danças, culinária e religiosidades afro-brasileiras, produções audiovisuais e arte-educação como formas de valorização das culturas negras e visitas a comunidades quilombolas e museus afro-brasileiros. Destacam ainda que o ensino da cultura afro-brasileira deve ser parte de uma educação para os direitos humanos e a equidade racial. A abordagem pedagógica deve valorizar a identidade, o pertencimento e a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Enfatiza a importância de trabalhar com contextos locais e experiências vividas pelos alunos negros e propõe a inclusão de narrativas afro centradas nos conteúdos e na linguagem docente. Se todos os pontos aqui levantados fossem cotidianamente desenvolvidos na escola, e, de algum modo, fora dela, a perspectiva é de que

⁷ GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a prática pedagógica. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 59–77.

haveria o fortalecimento da autoestima dos alunos negros, bem como o combate ao racismo e às discriminações dentro e fora da escola e, ainda, a construção de um currículo verdadeiramente inclusivo, crítico e antirracista.⁸

As autoras Maria Elisabete da Silveira e Maria Elenilda Maia, no artigo intitulado *Reflexões sobre história e cultura afrobrasileira e africana na sala de aula*, publicado na **Revista Historiar**, apontam alguns desafios para a implementação da Lei 10.639/2003, sobre a obrigatoriedade do estudo da cultura africana e afro-brasileira nas escolas da educação básica no Brasil: falta de formação dos professores, a escassez de materiais didáticos adequados, a resistência institucional e preconceitos enraizados. As autoras sugerem algumas propostas para a superação desses desafios, tais como: a inserção de temáticas africanas e afro-brasileiras em diferentes disciplinas, o uso de fontes históricas alternativas, como literatura oral, arte africana, mitologias e religiões de matriz africana e a promoção de atividades interdisciplinares e projetos culturais com participação da comunidade escolar.

Defendem ainda que o ensino das culturas afro-brasileiras deve promover **autoestima, pertencimento e reconhecimento** da identidade negra entre os alunos e que a escola deve ser espaço de combate à discriminação racial e de construção de novas narrativas históricas. O professor é agente central na implementação de práticas pedagógicas antirracistas e que é necessário que o docente assuma uma postura **crítica, reflexiva e engajada** na luta contra o racismo. Para que isso se concretize, as autoras reforçam a necessidade de formação inicial e continuada que contemple: a História da África pré-colonial, a cultura afro-brasileira contemporânea e os estudos sobre racismo estrutural e práticas pedagógicas inclusivas.⁹

Em suma, os autores/pesquisadores aqui mencionados foram importantes para ressignificar nossa compreensão sobre a execução de ações educativas pautadas na promoção da igualdade e contribuir para a construção de posturas críticas e reflexivas entre os discentes da escola; promovendo, portanto, educação inclusiva e antirracista.

⁸ Santos, J. R. Q.; Rocha, A. C. da. *Ensinar História e cultura afrobrasileira: possibilidades e alternativas de práticas pedagógicas*. **Revista Fronteiras**, Dourados, v. 18, n. 31, p. 68–98, jul. 2016.

⁹ Maia, M. E.; Silveira, E. M. da. *Reflexões sobre história e cultura afrobrasileira e africana na sala de aula*. **Revista Historiar**. Sobral, v. 9, n. 16, p. 76–92, set. 2017.

METODOLOGIA DO PROJETO

A ação docente¹⁰ "*Mulheres negras na história: inspiração e empoderamento*" foi aplicada durante mês de março, mês em que se comemora o *Dia Internacional da Mulher*, em uma turma de oitavo ano, tendo como idealizadores e condutores os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) vinculados ao curso de licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A oficina foi desenvolvida ao longo de três aulas com duração de cinquenta minutos cada. A metodologia adotada foi a expositiva dialogada¹¹, com o destaque para a participação ativa dos alunos, incentivando-os ao diálogo e troca de ideias em todas as etapas do projeto.

A oficina contou com três momentos principais: inicialmente houve uma discussão acerca da trajetória histórica da figura da mulher negra no Brasil, apontando as invisibilidades, preconceitos e dificuldades que enfrentam no cotidiano. Em um segundo momento houve uma exposição biográfica de algumas mulheres negras, indicando as contribuições históricas das mesmas através de suas trajetórias marcadas pelo gênero e raça, algumas das mulheres citadas foram: Dandara dos Palmares, Maria Carolina de Jesus, Tereza de Benguela e Maria Firmina dos Reis. Por fim, os alunos realizaram a produção de um pequeno texto, com o título "**A minha mulher inspiradora**", que tinha o objetivo de destacar a importância e relevância de uma figura feminina que fizesse parte do dia a dia do aluno, seja através das mídias digitais, no convívio familiar ou até mesmo educacional.

Tal produção serviu não apenas para avaliar o desempenho do aluno, mas também exercer mais uma vez a expressão dos mesmos, além de uma forma de consolidação do conteúdo exposto. Os textos produzidos foram compartilhados oralmente com a turma, através da leitura de seus autores, gerando um momento de escuta e empatia.

¹⁰ A ação docente é compreendida como "o conjunto de atividades sistemáticas, intencionais e planejadas, desenvolvidas pelo professor com o objetivo de promover a aprendizagem dos alunos." (LIBÂNEO, 1994, p. 23).

¹¹ Segundo Libâneo (1994) a metodologia dialogada expositiva é uma forma de transmissão de conhecimentos através do diálogo aluno/professor, tornando o aluno em um sujeito ativo na construção da aula.

O método avaliativo escolhido foi qualitativo formativo¹², onde se acompanhou o envolvimento dos alunos em todas as etapas do projeto, levando em conta sua participação nas discussões levantadas, além da criatividade e desempenho na escrita das produções textuais propostas no final da oficina.

O tema da atividade foi cuidadosamente escolhido com a intenção de evidenciar o papel fundamental das mulheres negras na história do Brasil. Mais do que apresentar nomes e datas, a proposta buscou provocar reflexões profundas sobre racismo, feminismo e resistência, conectando passado e presente. Para isso, foi realizado um levantamento de personalidades negras históricas que desafiaram as estruturas opressoras de seu tempo e abriram caminhos para futuras gerações. Dentre elas, destacaram-se Dandara dos Palmares, símbolo de luta e coragem; Carolina Maria de Jesus, escritora da favela que com sua voz ecoou pelo mundo; Antonieta de Barros, pioneira na política e na educação; Maria Firmina dos Reis, uma das primeiras romancistas negras do país; e Laudelina Campos Melo, incansável defensora dos direitos das trabalhadoras domésticas. Suas histórias, marcadas por força e determinação, serviram como ponto de partida para uma reflexão coletiva sobre identidade, invisibilidade e empoderamento.

APRESENTAÇÃO

A sala se encheu de expectativa logo nos primeiros minutos da aula. Com duas perguntas incisivas e necessárias, o silêncio inicial deu lugar ao pensamento: “Quais mulheres negras históricas vocês conhecem?” e “Vocês já pararam para refletir sobre a história das mulheres negras no Brasil?”. A provocação era clara — escancarar o apagamento histórico e provocar uma reconfiguração do olhar sobre quem somos e sobre a História que aprendemos.

A partir desse ponto, foi construída uma jornada de descoberta e consciência. Conceitos muitas vezes marginalizados no cotidiano escolar, como racismo, sexismo e feminismo, foram introduzidos com linguagem acessível,

¹² Conforme Maria Cecília de Souza Minayo, o método qualitativo formativo busca “articular a compreensão das estruturas, dos processos, das relações, das percepções, dos produtos e dos resultados, com a visão dos atores sociais envolvidos na sua constituição, desenvolvimento, contexto e possibilidades de mudanças” (MINAYO, 2018, p. 7).

acompanhados por um glossário que permitia aos alunos se apropriarem criticamente de termos fundamentais para compreender a estrutura da sociedade em que vivem.

Logo em seguida, adentrou-se no universo do feminismo negro — movimento que emerge da intersecção entre raça, gênero e classe, e que denuncia não apenas o machismo, mas também o racismo dentro do próprio feminismo. Os estudantes conheceram a origem e os desdobramentos dessa vertente no Brasil, marcada por décadas de luta invisibilizada, mas fortemente presente na resistência cotidiana de mulheres negras em todos os espaços.

Ao longo da aula, não apenas ideias foram discutidas: leis e conquistas concretas também ganharam destaque. Entre elas, a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, foi apresentada como marco fundamental. Outras legislações, como a Lei de Cotas e a PEC das Domésticas, foram mencionadas para evidenciar como o ativismo negro e o feminismo negro influenciaram diretamente as transformações sociais e jurídicas do país.

ESTUDO DAS PERSONALIDADES

Cada mulher apresentada durante a atividade foi cuidadosamente contextualizada, revelando sua contribuição histórica e os enfrentamentos que marcaram suas trajetórias. As histórias de resistência de *Dandara dos Palmares*, *Carolina Maria de Jesus*, *Antonieta de Barros*, *Maria Firmina dos Reis* e *Laudelina Campos Melo* foram narradas com sensibilidade, destacando como cada uma delas, à sua maneira, rompeu com os limites impostos pela sociedade de seu tempo. Suas lutas — por liberdade, educação, dignidade e representatividade — não apenas marcaram épocas, mas ecoam até hoje como símbolos de coragem e transformação.

Após a apresentação, os alunos foram convidados a refletir e expressar qual dessas figuras ou qual outras mulheres negras (seja do seu cotidiano ou não) os haviam inspirado mais e por quê. Esse momento promoveu um diálogo potente, em que as escolhas revelavam tanto empatia quanto identificação com as histórias ou causas defendidas por essas mulheres. O exercício de selecionar e justificar trouxe à tona percepções pessoais e ampliou o entendimento coletivo

sobre o impacto das figuras femininas negras na construção da nossa história, fortalecendo, assim, a consciência crítica dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSOES

Como culminância da atividade, foi proposta a produção de cartazes, textos escritos ou uma roda de conversa em que os alunos pudessem expressar qual mulher negra mais os impactou e por qual motivo. Essa etapa permitiu uma vivência mais ativa e pessoal do conteúdo, estimulando a criatividade, a oralidade e a escrita, pois os mesmos compartilharam relatos sobre essas mulheres que os inspiraram em sua vida pessoal — como mães, avós, tias etc. Essa abertura possibilitou que a discussão ultrapassasse o campo acadêmico e ganhasse um sentido afetivo e cotidiano, revelando memórias emocionantes e histórias de força, cuidado e resistência. Dessa forma, os estudantes puderam reconhecer que o protagonismo feminino negro está presente não apenas nos registros históricos, mas também nas vivências que moldam suas identidades dentro e fora da escola.

De forma concreta, os alunos participaram da elaboração de uma produção escrita em forma de carta, direcionada a uma mulher que os inspira em seu cotidiano. A proposta visava não apenas reforçar o conteúdo trabalhado, mas também promover uma conexão afetiva entre os aprendizados históricos e as experiências pessoais dos estudantes. Como a atividade não foi concluída no primeiro dia, a socialização das produções foi adiada para o encontro seguinte. Neste encontro, os alunos compartilharam suas cartas com a turma em um momento de escuta sensível e valorização das histórias pessoais, fortalecendo o sentimento de pertencimento, empatia e reconhecimento do protagonismo negro presente em suas realidades. A participação dos alunos foi expressiva. A maioria demonstrou interesse pelo tema, especialmente por não conhecerem muitas das mulheres negras citadas durante a aula. A apresentação visual, com slides coloridos e linguagem acessível, também contribuiu para despertar a atenção da turma.

Imagem 01: Discussões na sala de aula.



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

Na imagem 01 podemos observar esse momento expositivo, onde abordávamos as figuras femininas negras. Durante a aula, surgiram diversas dúvidas. Muitos estudantes questionaram por que tantas figuras históricas negras foram invisibilizadas nos livros e conteúdos tradicionais da escola. Outros demonstraram interesse em compreender melhor a diferença entre o feminismo tradicional e o feminismo negro, apontando para uma necessidade de aprofundamento em temas que, até então, eram pouco abordados em sala de aula. As perguntas revelaram um olhar atento e um desejo genuíno de compreender as estruturas de desigualdade existentes na sociedade. As reflexões trazidas pelos alunos também foram significativas. Além disso, foi possível perceber um amadurecimento no entendimento sobre a importância das políticas públicas afirmativas, como cotas e leis de valorização da cultura afro-brasileira.

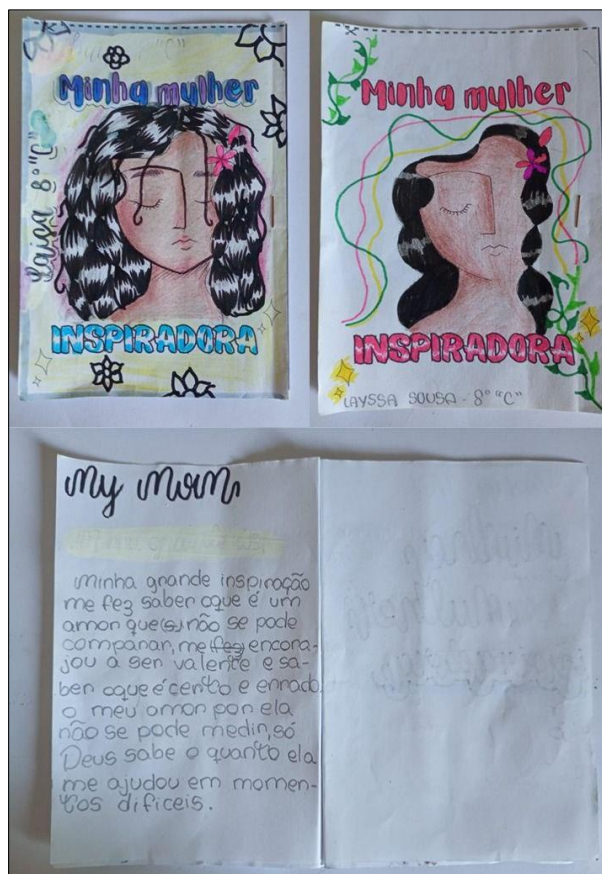
Ao longo da realização da atividade, algumas dificuldades foram observadas, mas foram superadas com estratégias pedagógicas adequadas. Muitos alunos demonstraram desconhecimento prévio sobre conceitos como feminismo negro e racismo estrutural, o que exigiu explicações claras, o uso de glossário visual e a apresentação de exemplos do cotidiano para facilitar a compreensão. Também houve, no início, certa resistência ou desconforto por parte de alguns estudantes, que se mostraram silenciosos ou receosos em se posicionar. Esse obstáculo foi contornado por meio da criação de um ambiente de escuta ativa, acolhimento e incentivo ao diálogo respeitoso. Além disso, a limitação de tempo para aprofundamento do tema revelou-se um desafio, já que a riqueza do conteúdo exigia mais espaço para debate e reflexão. Como solução, foi pensada a possibilidade de dividir o assunto em encontros futuros ou propor

atividades complementares, como leituras e produções escritas, garantindo uma continuidade formativa do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto, além de promover o engajamento da turma, mostrou-se eficiente nas discussões e reflexões, revelando uma diversidade de lutas e receios em cada relato que, por sua vez, carregava uma emoção singular em cada palavra. No entanto, o seu percurso contou com alguns desafios como a falta de materiais didáticos que apresentassem de forma afirmativa e positiva a trajetória de resistências e protagonismos de mulheres negras no Brasil. Algo que fora confirmado quando os estudantes demonstraram desconhecer personalidades negras femininas e suas contribuições na narrativa histórica nacional, o que nos mostra que esses sujeitos não estão presentes nos livros didáticos e nas aulas nos quais esses alunos tem acesso. Na imagem 02, expomos algumas das produções dos alunos. Ao compartilhar a atividade com o restante da turma, observamos muitos pontos escritos pelos alunos em que havia uma semelhança com os temas abordados durante a oficina, apontamentos esses que nos mostram que esses estudantes conseguiram absorver os tópicos discutidos e que conseguiram identificá-los nos seus cotidianos.

Imagem 02: Produções dos alunos



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

Como forma de consolidação do projeto e compartilhamento do mesmo com a comunidade acadêmica e com a comunidade escolar no geral, foi elaborado um vídeo temático no qual alguns alunos foram filmados lendo seus relatos sobre a mulher que os inspira, consolidando uma manifestação que une sensibilidade e representatividade. Atualmente, o vídeo está disponível na página oficial do Instagram do PIBID de História da UVA¹³ e se apresenta como uma das amostras desse projeto, que buscou, de forma empática e calorosa, dar voz a experiências tão profundas quanto inspiradoras. Daremos continuidade a essa abordagem na realização de outros projetos no decorrer das atividades do programa, que não se restringiu apenas a evidenciar as dificuldades que as mulheres negras enfrentam diariamente na luta por seu espaço na sociedade

¹³ PIBID- História. *Mulheres negras na História: inspiração e empoderamento*. Instagram: @pibid_uvahistoria. Disponível em: https://www.instagram.com/pibid_uvahistoria?igsh=MTlhOHd4ZWlnODk0Nw==. Acesso em: 26 jun. 2025.

como protagonistas de mudanças, mas também compilou relatos que percorrem o atual século, lembrando-nos de que a luta é contínua e que o silêncio não pode ser opção, já que a nova geração está, de maneira vigorosa, construindo futuros e impulsionando as tão esperadas transformações sociais.

É de suma importância que as mulheres negras sejam abordadas nas aulas de história, como sujeito ativo e participativo nas lutas diárias por seus direitos básicos, e no combate ao racismo, deixando de lado a concepção de que as mesmas estão alheias as discussões que lhes cercam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo -USP, 2003.

CUNHA, Maria Isabel da. *Docência: trajetória de um saber profissional*. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 135

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores: apostando na reeducação das relações raciais*. In: GOMES, Nilma Lino. **Escritos de uma vida: trajetória intelectual e enfrentamento ao racismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a prática pedagógica. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 59–77.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: resignificando trajetórias e saberes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismos na cultura brasileira*. In: PINTO, Sônia (Org.). **O negro em debate**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

Maia, M. E.; Silveira, E. M. da. *Reflexões sobre história e cultura afrobrasileira e africana na sala de aula*. **Revista Historiar**. Sobral, v. 9, n. 16, p. 76–92, set. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa*. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa, n. 40, p. 11–25, 2018.

MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto inscrição*. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, v. 23, n. 1, p. 171–209, 2001.

Santos, J. R. Q.; Rocha, A. C. da. *Ensinar História e cultura afrobrasileira: possibilidades e alternativas de práticas pedagógicas*. **Revista Fronteiras**, Dourados, v. 18, n. 31, p. 68–98, jul. 2016.

BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. *Ministério das Mulheres. Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM) 2025*. Brasília: Ministério das Mulheres, 2025. Dados de feminicídio, homicídios dolosos e estupro.

INSTITUTO IGARAPÉ. *A violência contra mulheres no Brasil nos últimos cinco anos: relatórios e estatísticas*, 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, São Paulo, 2025

MOURA, Clóvis, ***Quilombos: Resistência ao Escravismo***, 3ª. Edição, São Paulo: Editora Ática, 1993.

Raquel de Jesus Araújo

Possui ensino-medio-segundo-graupela E.E.E.P. Professora Maria de Jesus Rodrigues Alves(2017).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4936282094701757>

Ana Cleide da Silva Patriolino

Profissional formada em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário INTA (UNINTA) em 2024. Atualmente é discente do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e pós-graduanda em Pedagogia Empresarial pelo UNINTA. Atua como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo curso de História, desenvolvendo atividades voltadas à formação docente na educação básica. Exerceu a função de monitora de Patrimônio Industrial no semestre 2024.2 e, em seguida, de monitora de Estágio Supervisionado II: Docência no Ensino Fundamental, colaborando no acompanhamento de práticas pedagógicas. Atualmente, também é monitora da disciplina Prática IV Prática de História e Novas Tecnologias, contribuindo para a integração de recursos tecnológicos aplicados ao ensino de História. Demonstra interesse nas áreas de Educação, Patrimônio Cultural, História e Tecnologias Educacionais, com

dedicação à pesquisa, ao ensino e à extensão.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/392080883104933>

Francisco Michael de Sousa

Graduando em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com previsão de conclusão em 2025. Durante minha formação acadêmica, desenvolvi um sólido conhecimento em diversas áreas da História, com ênfase em História da África. Participei de projetos de extensão e grupos de estudos, contribuindo para temas relacionados ao ensino e arte pública, além de realizar estágios e atividades voltadas para a educação e preservação do patrimônio histórico. Minha trajetória acadêmica foi marcada pela participação em eventos científicos, como congressos e seminários, onde recebi muito conhecimento relacionado às minhas áreas de interesse. Possuo experiência em pesquisa documental, análise historiográfica e metodologias de ensino de História. Estou em busca de oportunidades profissionais que me permitam aplicar e expandir meus conhecimentos, contribuindo para a valorização e disseminação do saber histórico

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8409542773915110>

Igor Alves Moreira

Licenciado em HISTÓRIA pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (em Sobral-CE). - Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará - (UFC). ÁREA DE ATUAÇÃO ATUAL: Servidor Público da Rede

Municipal de Ensino de Sobral-CE; anos finais do Ensino Fundamental. Fui professor substituto do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus de Itapipoca - CE e do Curso de História na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral-CE. Fui professor convidado do Curso de História no PRONERA - Programa Nacional de Ensino e Reforma Agrária, convênio MEC/Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, em Sobral-CE e membro do NDE - (Núcleo Docente Estruturante) do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (em Sobral-CE). Fui Coordenador Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6157291812516394>
